

# Preparar a Páscoa do nosso mundo



Frei Bento Domingues O.P.

As guerras de Putin, Trump e Netanyahu não são “guerras justas”. São guerras inspiradas pela antiga mentalidade colonial

**1** É muito difícil dar-mos conta da evidência. Para ver o que vemos seria necessário mudar os olhos, mudar o coração. O mundo que temos é um mundo descriado.

Segundo Frederico Lourenço, “O livro que abre a Bíblia é um dos textos mais extraordinários da cultura humana. Para lá das questões complexas atinentes à sua origem e autoria, dificilmente encontramos, na literatura mundial, uma narrativa mais fascinante e mais arrebatadora do que a contada no Livro de Génesis. (...) Génesis 1 oferece um relato optimista da criação, em que Deus cria um mundo belo e bom. O homem e a mulher são criados em simultâneo, à imagem de Deus. Génesis 2, por outro lado, apresenta uma narrativa não só incompatível com a anterior (a mulher é criada depois do homem), mas também menos optimista. O intuito em Génesis 2-3 é propor uma etiologia para aquilo que a observação empírica do mundo confirma: o mundo não é só belo e bom (como em Génesis 1), porque nele também existe o mal” [1]. Tem razão António Lobo Antunes: *a vida humana é um mistério* [2]. Em que mundo estamos?

Trump, Netanyahu, Putin e outros fazem da força o único argumento válido para governar o mundo, melhor dito, desgovernar o mundo. Essa atitude abre as portas para a barbárie. Os cristãos não podem fechar os olhos, como se temessem ser contaminados ou prejudicar a sua missão apostólica. Proclamar o Reino implica trabalhar pela paz, condenar a violência, exigir respeito pela dignidade humana e cuidar da nossa casa comum. As guerras de Putin, Trump e Netanyahu não são “guerras justas”, que não existem. São guerras inspiradas pela antiga mentalidade colonial, segundo a qual é legítimo saquear a riqueza alheia. Por trás de todas as guerras em curso, existe apenas um desejo obscuro de controlar petróleo, gás, minerais e rotas comerciais [3].

2. O Papa Leão XIV, na sua mensagem do *Angelus* do domingo passado, a propósito da narrativa simbólica da cura de um pobre cego de nascença (Jo 9,1-41), lembra que, “enquanto nós estávamos nas trevas, enquanto a humanidade caminhava nas trevas, Deus deu-nos o seu Filho como luz do mundo, para abrir os olhos dos cegos e



**Desde a primeira hora, com um estilo próprio, o Papa Leão XIV afirmou e praticou um caminho nos passos de Francisco**

iluminar as nossas vidas.

“De facto, podemos dizer que todos *nascemos cegos*. Por nós mesmos não conseguimos enxergar toda a profundidade do mistério da vida. Por isso, Deus fez-se carne em Jesus, para que o barro da nossa humanidade, moldado pelo sopro da sua graça, recebesse uma nova luz, que nos torna capazes de, finalmente e em verdade, ver a Deus, os outros e nós mesmos.

“Irmãos e irmãs, nós também, curados pelo amor de Cristo, somos chamados a viver um cristianismo *de olhos bem abertos*. A fé não é um acto cego, uma renúncia à razão, uma disposição de certa convicção religiosa que nos leva a desviar o olhar do mundo. Pelo contrário, a fé ajuda-nos a ver o *ponto de vista de Jesus, com os seus olhos: é uma participação no seu modo de ver*. Pede-nos que *abramos os olhos*, como ele fez,

sobretudo para os sofrimentos dos outros e as feridas do mundo.

“Hoje, em particular, diante das muitas questões do coração humano e das situações dramáticas de injustiça, violência e sofrimento que marcam o nosso tempo, precisamos de uma fé desperta, atenta e profética que nos abra os olhos para as trevas do mundo e leve a luz do Evangelho através de um compromisso com a paz, a justiça e a solidariedade.”

Seria bom reler o diálogo entre o filósofo Jürgen Habermas – que acaba de nos deixar – e Joseph Ratzinger, em Munique (2004), sobre a origem dos valores universais. Habermas defendia que eles eram produto de processos deliberativos e não de um mandato sobrenatural. Ratzinger apontou que essa abordagem ocultava o perigo de tornar as maiorias a única fonte de legitimidade, o que não garantia o respeito incondicional da dignidade humana. Ambos concluíram o encontro, reconhecendo que as expressões da fé e da razão devem autocriticar-se para evitar cair na intolerância.

Para aqueles que não têm fé, Ratzinger e Habermas são agora apenas uma lembrança na consciência colectiva. Aqueles de nós que ainda nutrem a esperança de um amanhã, além do tempo e do espaço, acreditam que o filósofo e o teólogo podem continuar o seu diálogo, sem as limitações impostas pela implacável biologia.

3. Consta que o Papa está a finalizar uma

Encíclica com o nome *Magnífica Humanitas*.

Certos meios tradicionalistas esperavam e lutavam, com grandes recursos financeiros, para que, a seguir ao Papa Francisco, fosse escolhido outro de uma linha e uma prática que negassem a herança magnífica de Bergoglio. Aconteceu precisamente o contrário com a eleição do Papa Leão XIV. Desde a primeira hora, com um estilo próprio, afirmou e praticou um caminho nos passos de Francisco.

Algumas correntes tradicionalistas não se deram por vencidas. Renovaram os seus esforços e tentativas para mostrar que o Vaticano e a sua orientação eram obra do Anticristo. Era urgente atacar o Vaticano no coração de Roma. Pensaram e tentaram até manipular – sem sucesso – a Universidade de S. Tomás de Aquino, *Angelicum*, onde tinha sido doutorado Leão XIV.

Segundo José Lourenço, um jornalista bem informado, o tecnoligarca Peter Thiel, que financia Trump, teria chegado a Roma com suas teorias sobre o Anticristo. Thiel, fundador da poderosa empresa de análise de dados que agora está a ser usada na política de deportação em massa do seu amigo Donald Trump, é também um dos maiores opositores de Leão XIV, assim como o foi de Francisco, porque eles representam tudo o que se opõe aos seus interesses [4].

A celebração da Eucaristia envolve sempre a chamada Liturgia da Palavra Bíblica. Tem razão Santo Agostinho ao dizer que *é impróprio afirmar que os tempos litúrgicos são três: passado, presente e futuro. Talvez fosse mais adequado dizer: presente das coisas passadas, presente das presentes e presente das futuras*. Para S. Tomás de Aquino, o Mistério Pascal não é sobre o passado. É um passado que *atinge*, de forma presencial, *todos os tempos e lugares* [5].

Hoje é o V Domingo da Quaresma. O texto do Evangelho é de S. João. É um texto difícil, mas é preciso estar atento, respeitando e aprofundando o estilo do autor. É habitual falar da *Palavra de Deus*. É uma expressão verdadeiramente bíblica. Não devemos, porém, cair no ridículo de imaginar Deus a abrir a boca e a discursar como fazem os autores do Antigo e Novo Testamentos. O que importa é acolher a mensagem, o sentido dos textos, porque é sempre Palavra de Deus em palavras humanas, segundo o estilo e a construção literária de cada um dos autores.

No Novo Testamento, temos várias narrativas de “ressurreições” (ou reanimações). Todas elas existem para nos ajudar a preparar a Páscoa de Cristo, nossa Páscoa.

[1] Frederico Lourenço, *Bíblia. Antigo Testamento*, Vol. VI, Quetzal, p. 27.

[2] Cf. António Lobo Antunes, *Quarto Livro de Crónicas*, D. Quixote, 2.ª ed., 2011, pp. 237-239.

[3] Cf. Rafael Narbona, RD, 12.03.2026.

[4] Já tinha terminado esta crónica quando li o texto bem informado de João Pedro Pereira, no PÚBLICO, 16.03.2026.

[5] *Suma Teológica* III, q. 48, a. 6; p. 56, a. 1

Escreve ao domingo